



# XIV ANPED-CO

## XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3540 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)  
GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

### CARTO-GRAFIAS COM AS EXPERIÊNCIAS DE PESSOAS TRANS E POSSÍVEIS RESSONÂNCIAS NO ENSINO DE BIOLOGIA

Sandro Prado Santos - UFU - Universidade Federal de Uberlândia

#### Resumo:

Este texto é oriundo de uma pesquisa de doutorado que se ocupou com os agenciamentos do encontro *Experiências de pessoas trans – Ensino de Biologia*. Uma experimentação provocativa e afetiva com os territórios do ensino de Biologia. Aqui objetivamos apresentar as *grafias* produzidas nos encontros com as pessoas *trans* que mobilizaram a produção de esburacamentos, fissuras e vazamentos de outros modos de se pensar corpos, gêneros e sexualidades no ensino de Biologia, bem como movimentaram a construção dessa investigação. Luíza, Bárbara e Suzana trouxeram mobilizações e movimentações dos quadros fixos e demais lineares dos corpos, gêneros e sexualidade e, apontaram pistas para a operação de novas conexões na proliferação das diferenças e de outros sentidos nos territórios. Os encontros fizeram adensar apostas no uso das (in)constâncias que atravessam as experiências das pessoas *trans* para mobilizar um encontro potente no/com o Ensino de Biologia, problematizar o traçado fixo de meta-narrativas oficiais pela fixidez do fluxo incontrolado dos corpos, gênero e sexualidade e visibilizar possibilidades de des-territorializações nos territórios do ensino de Biologia.

**Palavras-chave:** *Trans*experiências; Ensino de Biologia; Cartografias.

### CARTO-GRAFIAS COM AS EXPERIÊNCIAS DE PESSOAS TRANS E POSSÍVEIS RESSONÂNCIAS NO ENSINO DE BIOLOGIA

#### Introdução

Este texto apresenta dados de uma pesquisa de doutorado em que nos dispusemos a cartografar (ROLNIK, 1989; DELEUZE; GUATTARI, 2011; OLIVEIRA; PARAÍSO, 2014; OLIVEIRA, 2014; PASSOS, KASTRUP, ESCÓCIA, 2015) os agenciamentos do encontro *Experiências de pessoas trans – Ensino de Biologia* observando as possíveis ressonâncias que essa aliança pode produzir na expansão, experimentação e abertura a modos de vida outros no ensino de Biologia. Utilizamos aqui “*experiências de pessoas trans*” para não fazer referência direta a uma denominação médica/patológica e por não referenciar um arranjo unívoco entre as muitas possibilidades relacionadas aos deslocamentos de gênero das pessoas *trans*. Reafirmamos uma polifonia das pluralidades de experiências possíveis com/nos corpos, gêneros, sexualidades e desejos.

Perseguiamos e delineamos a questão de pesquisa, a saber: Quais per turbações/endurecimentos/desafios ocorrem no ensino de Biologia a partir das experiências de pessoas *trans* no espaço escolar?

Nas minhas práticas pedagógicas, meu compromisso era com um ensino de Biologia afeito as essências fixas, ideais e orgânicas do corpo, tomadas como substanciais. Os corpos eram sitiados e ensinados num regime de conjugações convencionadas que produziam um efeito estável de coerência entre *o corpo, o gênero e a sexualidade*. A diferença sexual se dava a determinadas partes, precisas, da

totalidade do corpo e fazia delas significantes sexuais e investidos como naturais, fazendo coincidir desejos com determinados órgãos anatômicos precisos como 'verdades' e estabilidades biológicas.

Partimos da consideração de que fomos e somos ensinados/as em meio às lições de uma biologia afeita as essências fixas, ideais e orgânicas do corpo instaladas por um regime convencionalizado de coerência entre o corpo, o gênero e a sexualidade, num destino biológico deslocado dos contextos sociais, políticos e culturais mais amplos. Os riscos e as desconfianças produzidos por esse regime insurgiram de um modo de pensar na/pela biologia que evoca e inviabiliza o espaço e a produção de subjetividades subversivas à norma.

Para os corpos que fogem à regra, os princípios de correção social, psíquica, química e cirúrgica se apresentam por meio de procedimentos médicos, jurídicos, pedagógicos e didáticos. Coloca-se em curso o discurso normalizador, base da sustentação dos binarismos modernos, como saúde X doença; normal X patológico, aberração X normalidade, que reforçam os determinismos biológicos e a biologia como destino para o alinhamento do sexo, da sexualidade e do gênero. (SILVA, 2017, p. 268-269).

Nesse sentido apostamos em um delineamento teórico e cartográfico que produziu possibilidades de pensarmos “[...] outras biologias, outras anatomia, fisiologia e genética, carregadas dos odores, cheiros, dores, sabores daquilo que comportam e para além delas se processam” (SILVA, 2017, p. 269), bem como potencialidades da incursão de outros corpos e sexualidades para a perturbação das lições de Ciências e Biologia no espaço escolar. (SILVA, 2017). Apostas que ampliamos alianças com as experiências de pessoas *trans* que adentram, desafiam e atrapalham a Biologia na “[...] produção tranquila do discurso que necessita saber, classificar e produzir a verdade do indivíduo para existir e proliferar. Compreendemos que esses corpos (trans) como potentes produções desejantes, que ressignificam-se em múltiplas dimensões”. (SILVA, 2014, p. 42).

*Outras experimentações de corpos, gênero e sexualidade em Ciências e Biologia* (SILVA, 2017) reforçaram aspectos relevantes para insistir na aproximação das experiências de pessoas *trans* e Biologia, pois elas foram produzindo um deslocamento de olhares daquilo que sempre foi considerado como central, nuclear, essencial para se entender o funcionamento da Biologia, para aquilo que era descrito como marginal, menor, patológico, anormal e fronteiro, ou seja, considerado como um 'inimigo' nas margens de sentido, e, que retomamos como potencialidades experienciais na produção de processos de insurgências de modos outros de existência. ALBUQUERQUE-JÚNIOR; VEIGANETO; SOUZA-FILHO, 2011).

A aposta que operamos se formulou por meio das observâncias de investimentos sociais, pedagógicos e de discursos do campo da Biologia sobre a naturalização dos corpos, gêneros e sexualidades, mais ainda quando se trata de experiências *trans*. Assim, essas experiências tornam-se sumariamente importantes nas produções dos conhecimentos no ensino de Biologia, a partir do momento em que elas encontram-se cotidianamente no espaço escolar.

Com isso realizamos uma hibridação e criamos o que chamamos de *Ensino de Biologia-experiências de pessoas trans*. Um encontro. Uma experimentação provocativa, fascinante, sedutora, afetiva que (des)arruma o que já foi pensando no ensino de Biologia. Provoca perplexidades, admirações, surpresas e indignações. A aposta foi a de que essa criação

[...] em seus múltiplos caminhos e trajetos, nos faz olhar e encontrar trilhas diferentes a serem perseguidas, possibilidades de transgressões em emolduramentos que supomos permanentes, em quadros que nos parecem fixos demais, em direções que nos parecem por demais lineares.

Neste texto selecionamos as grafias produzidas nos encontros com as pessoas *trans* que mobilizaram e movimentaram a construção e o desenvolvimento da pesquisa de doutorado. Luíza, Bárbara e Suzana trouxeram mobilizações e movimentações dos quadros fixos e demais lineares dos corpos, gêneros e sexualidade e, apontaram pistas para a operação de novas conexões na proliferação das diferenças e de outros sentidos nos territórios do ensino de Biologia. Nesse sentido, temos como objetivo apresentar os movimentos e deslocamentos que produziram esburacamentos, fissuras e vazamentos de outros modos de se pensar corpos, gêneros e sexualidades no ensino de Biologia.

### **O encontro com Luíza**

**Em meu primeiro dia como professor de Ciências, para uma turma do 8º ano, em uma escola estadual pública em Minas Gerais, durante a realização da chamada dos nomes dos/as alunos/as que constavam no diário de classe fui surpreendido quando pronunciei o nome do aluno Luiz. Ao aguardar a manifestação da presença do aluno, ele/a se levantou e solicitou que o/a chamasse de *Luíza Brunet*, referindo-se ao nome artístico da empresária, atriz e ex-modelo brasileira Luíza Botelho da Silva, pois se auto-identificava como menina. Apresentava estatura de 1.83 m, pele morena clara, cabelos pretos e longos pouco abaixo do ombro.**

**Na escola, *Luíza* apresentava uma circulação tranquila. Estava sempre de uniforme, tênis e o cabelo preso com um prendedor rosa. Todos/as o/a reconheciam e sempre deixou explícito que se sentia como menina. Nessa escola fui designado para substituição de uma professora de Ciências por dois meses. Após o vencimento do contrato deixei a instituição. No entanto, aqueles dois meses foram suficientes para me deslocar de uma concepção de corpo que reduzia as diferenças em um plano único de explicação. O encontro com *Luíza*, inesperado e de um profundo estranhamento, exceto para seus/suas colegas, foi suficiente para (des)organizar e (des)aprender os decalques a favor das explicações biológicas na significação primeira e única dos corpos. Essa experiência provocou fraturas nos meus referentes da produção de**

**‘verdades’ sobre os corpos que naquele momento não conseguiu capturar o sentido da experiência de Luíza, e como tal, caí num campo do *não saber*. Luíza cutucou o *modus operandi* de uma produção assentada na significação que trazia no *corpus* teórico de minha formação, torcendo meu processo formativo, estilhaçando a racionalidade representacional e desorganizando o fundacionalismo biológico do Ensino. Luíza apontou falhas ao invés de exatidão e certeza pelas quais esse ensino vem funcionando. Incitou-me a transgredir as precisas margens do feminino e do masculino na Biologia. O encontro remeteu-me para o espaço *‘entre’* o saber e o não saber, me convocando para territórios menos exatos e mais múltiplos. Ao deslocar-me, fui lançado em uma série de discursos disparatados que compõem os corpos, diferentes daquelas desenvolvidas em contextos de representação mais convencionais das Ciências Biológicas (GROSZ, 2000) que “[...] orientam os corpos e partes do corpo em direção a outros corpos e partes do corpo”. (p. 67). Algo se passou, o encontro com *Luíza* movimentou corpos. Um evento aconteceu. O meu corpo pensado como *‘estável’* foi esburacado, infiltrado, rachado, abalado pela instabilidade e provisoriedade do encontro e dos afetos com *Luíza*. Foram movimentos de efeitos de corpos sobre outros: “[...] um corpo afeta, e, é afetado por outros corpos”. (DELEUZE, 2002, p. 128).**

O registro da cena escolar do encontro com Luíza me lançou em direção a diferentes circuitos que atravessam o ensino, através dos quais (encontros/composições de corpos) fui e estou me constituindo (processos de subjetivação) com outros contornos. Colocou em funcionamento articulações regulatórias e normativas (rede de saber-poder) que, na quase invisibilidade, geram um efeito de blindagem na produção que fala, afirma, explica e diz como devem ser os corpos: que geram efeitos materiais de permanência e superfície que lhes dão inteligibilidade. Um processo inerte, que certamente nos inscreve em uma ordem de razões e julgamentos de nossas variações, aprisionando-nos, mutilando-nos, mortificando a vida e trancando-nos em uma gaiola *pató-lógica*.

Caso ficasse entregue as definições lógicas de que é feito o corpo, seria impossível deslocar-me

para possibilidades *outras* do que pode ser um corpo. Estaria condenado ao conceito de um corpo definido e abandonado “[...] por sua forma [...] órgãos ou funções [...] como uma substância ou um sujeito”. (DELEUZE, 2002, p. 128). O meu olhar estaria vetorizado apenas para as durezas das linhas, da vontade do saber e do poder, da regulação, dos disciplinamentos, perseguições e silenciamentos do Ensino de Biologia.

É importante assinalar que com a cena do encontro com *Luíza*, foi possível compreender que houve ‘falhas’ na produção normativa e ‘tranquila’ do ensino de Biologia ao qual eu estava acoplado. *Luíza* me mostrou que ela é vida que pulsa e prolifera como potência para o rompimento dos ideais universais sobre os corpos, instigando-me a pensar e adensar o Ensino de Biologia como potencialidade de produzir outros modos de corporificação-(cor)possibilidades, pois os corpos escapam e são capazes de resistir ao poder e furtar-se ao saber.

[...] os corpos humanos têm a maravilhosa capacidade de, ao mesmo tempo em que lutam pela integração e coesão, pela completude orgânica e psíquica, possibilitar e de fato produzir fragmentações, fraturas, deslocamentos, que orientam os corpos e partes do corpo em direção a outros corpos e partes do corpo. (GROSZ, 2000, p. 67).

Para além das perspectivas de efeitos normativos e do caráter prescritivo do Ensino de Biologia, passo a atentar-me que esse ensino pode funcionar como um território no qual a experiência de corpos *outras* se produz numa inteligibilidade que escapa da estreiteza heteronormativa, da linearidade sexo-gênero-desejo e práticas sexuais.

Compreendo que, no meu compromisso formativo das Ciências Biológicas, o desconhecimento da gênese de um corpo aberto às conexões e as vibrações além de seus limites orgânicos, social e historicamente organizados foi protagonista. Esse encontro e os posteriores indicaram pistas, expansões, conquistas e aberturas que deram passagem às discussões de corpos, gêneros e sexualidades na minha atuação profissional na formação inicial de professores/as de Ciências e Biologia.

Foram potentes com conexões insuspeitadas, agenciamentos notáveis, sempre grávidos de um devir heterogêneo ao acompanhar os ritmos das pessoas *trans*. Quanto mais mergulhava neles, mais borrava e friccionava outros modos de pensar dominante de corpo, gênero e sexualidade. Outras fricções no meu modo de pensar foram se dando ao longo da caminhada.

### **O encontro com Bárbara**

**Bárbara é uma amiga travesti. O que aconteceu no meu encontro com Bárbara no seu ponto de batalha (ponto de prostituição)? Ela lembrava, com saudades, da sua infância e dos poucos momentos que viveu com sua mãe, antes de fugir de casa na cidade de Fortaleza/CE. Com isso, aos 13 anos começou a realizar as transformações e modificações em seu corpo com aplicação de silicone industrial, hormônios e próteses. Me contava como seria o seu retorno a cidade**

natal e que não queria 'morrer de travesti'. Dizia que aquilo que estava vivendo era uma passagem, uma (ex)periência de ser travesti. Foi nesse momento que Bárbara fez minhas concepções de corpo, gênero e sexualidade serem esburacadas e deslocadas para um campo privilegiado de experimentações sensíveis que lançam os corpos, gêneros e sexualidades em conexões com o fora, em *devir*.

## O encontro com Suzana

Outro desmonte da estabilidade dos contornos e significados de corpo, gênero e sexualidade se passou em minhas aproximações com Suzana Melo, uma travesti que residia em Uberlândia/MG. Em um dos recorrentes encontros, Suzana me nomeia como Sauane, apesar de nunca ter feito a experiência social diária do trânsito de gênero. O que se passou? Suzana, para minha surpresa, engendra em mim a instabilidade da ideia de Sandro como algo produzido, provisório e (in)constante. Um *devir-trans*. Um *devir-outro*. *Devires* inauditos que lançaram partículas. Ela me desestabilizou e trouxe os efeitos de um (des)fazer do gênero. Em mim, ela desmontou o masculino, muito mais do que me produzir um feminino. Esses encontros foram potentes para fazer a 'verdade' sobre o corpo, gênero e sexualidade entrar em variação. Titubear. Fez vibrar o meu corpo para além de limites orgânicos. O meu 'eu' vacilou. Afetando moléculas que emitiram partículas, o que é próprio dos encontros. Nesses, fui aprendendo sensibilidades que me ajudaram a sair de mim e a afastar-me das minhas certezas.

Diante disto, embora exista um traçado fixo de meta-narrativas oficiais pela fixidez do fluxo incontrolado dos corpos, gênero e sexualidade no Ensino de Biologia, um encontro com as experiências

de pessoas *trans* me mostrou uma enxurrada (ninguém sabe, ainda, do que pode um corpo, daquilo que um corpo é capaz) de alterações, de alianças, de penetrações, fluxos de energia, sempre correndo pelo meio, de incessantes movimentos que deslocam, que promovem des-territorializações naquilo que está constituído, organizado e naturalizado como corpos, gênero e sexualidades.

Os fios que perpassaram esses territórios me fizeram adensar as minhas apostas no uso das (in)constâncias que atravessam as experiências das pessoas *trans* para mobilizar um encontro potente no/com o Ensino de Biologia. Fui deixando-me misturar com as experiências do fora, das margens, dos limites, das fronteiras, apostando que essas poderiam permitir novos desenhos; novas configurações para movimentar o Ensino de Biologia e povoá-lo com outras instâncias que permitissem que um Ensino de Biologia outro, também, funcionasse.

### Considerações finais

Ao pensar nas intensidades produzidas nos encontros narrados anteriormente, na criação e tombamentos de territórios, que formam-se e desmancham-se, foi como se estivesse fazendo uma viagem, um passeio de movimentos contínuos e descontínuos. Um mapeamento singular da produção, do desmanchamento e da reprodução dos sentidos de corpos, gênero e sexualidade, no território do Ensino de Biologia, que surgiram dos meus encontros com as pessoas *trans*. Um resgate do plano da sensibilidade e do plano expressivo da produção de sentidos, que foi sendo higienizado pela racionalidade bio-lógica.

A criação, o encontro e a experimentação *Ensino de Biologia-experiências de pessoas trans* produziu distorções do sentido único dos corpos submetidos à primazia das explicações biológicas, como um campo neutro, uma instância universal e com uma existência anterior aos processos de socialização. Os encontros com as pessoas *trans* foram desamarrando as regularidades e constâncias neuro-anatômicas, genéticas e fisiológicas da materialidade biológica *in natura* em um estado fixo de *ser* e aproximando-as, também, das implicações dos códigos de legitimidade social.

### Referências

ALBUQUERQUE-JUNIOR, D. M. de.; VEIGA-NETO, A.; SOUZA-FILHO, A. de. Uma cartografia das margens. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Cartografias de Foucault**. 2.edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 9-12.

DELEUZE, G. **Espinosa Filosofia Prática**. Tradução Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

\_\_\_\_\_.; GUATTARI, F. **Mil Platões, v.1**. Tradução de Ana Lucia de Oliveira, Aurelio Guerra Neto e Cecilia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34. 2011.

GROSZ, E. Corpos reconfigurados. Tradução: Cecilia Holtermann. **Cadernos Pagu**, n.14, 2000, p. 45-86.

OLIVEIRA, T. R. M. de.; PARAISSO, M. A. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em Educação. In: MEYER, Dagmar Estermann.; PARAISSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas Pós-Críticas em Educação**. 2a edição. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 281-306.

OLIVEIRA, T. R. M. de. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em Educação. In: MEYER, Dagmar Estermann.; PARAISSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 281-305.

PARAISSO, M. A. Currículo-mapa: linhas e traçados das pesquisas pós-críticas sobre currículo no Brasil. **Educação & Realidade**, v.30, n.1, jan./jun. 2005, p. 67-82.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, E da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo:

Estac?ao Liberdade, 1989.

SILVA, E. P. Q. Sexualidade, ge?nero e corpo no contexto de poli?ticas de educac?ao no Brasil. **Revista Suplemento Exedra** – Sexualidade, Ge?nero e Educac?ao. 2014, p. 26-45.

\_\_\_\_\_. Outras experimentac?oes de corpos, ge?nero e sexualidades em Cie?ncias e Biologia. In: NORONHA, Claudianny Amorim.; SA?- JU?NIOR, Lucre?cio Arau?jo de. (Orgs.). **Escola, ensino e linguagens**: propostas e reflexo?es. Natal: EDUFRN, 2017, p. 251-272.